O refúgio em pauta:
Uma análise do filme “Monsieur Lazhar. O que traz boas novas”

*Daniel Praciano Marinho**

* Graduando em Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB).
daniel.pmarinho@gmail.com.

Resumo: O presente artigo toma como base de análise o filme “Monsieur Lazhar – O que traz boas novas”, empreendendo uma leitura das vivências do personagem-título da obra, um argelino em busca de refúgio no Canadá, a partir da produção acadêmica a respeito das questões de migração e refúgio. Assim, após apresentar a história do filme destaco questões como a indefinição da situação do refugiado, o múltiplo pertencimento cultural por ele vivida e as burocracias envolvidas no processo de busca de refúgio, utilizando momentos específicos da película em análise como exemplos e buscando relacionar a experiências do personagem com aquelas vividas, na realidade, por refugiados.
Palavras-chave: migrações; refugiados; Canadá.

Abstract: The present article takes as a basis of analysis the movie “Monsieur Lazhar”, observing the experiences of the central character of the picture, an algerian looking for refuge in Canada, utilizing the academic production about the matters of migration and refuge. Therefore, after presenting the story of the film, I highlight matters such as the indefinition of the situation of a refugee, the multiple cultural belonging lived by them and the bureaucracies involved in the process of search for refuge, making use of specific moments of the movie as examples and trying to relate the experiences of the character with those lived, in reality, by refugees.
Keywords: migration; refugees; Canada.

Introdução

O presente artigo busca fazer uma análise do filme “O que traz boas novas” (“Monsieur Lazhar”, no título original), lançado no ano de 2011, produzido no Canadá, dirigido por Philippe Falardeau e indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2012. Baseado na peça de teatro “Bashir Lazhar”, a película se passa em Montreal e conta a história de um refugiado argelino chamado Bashir Lazhar (interpretado por Mohamed Said Fellag), que finge ser professor em uma escola para substituir a professora anterior, que havia cometido suicídio. Desenvolve-se, assim, ao longo do filme, sua relação com os alunos durante seu processo de lidar com o que aconteceu com a professora e a própria história anterior de Bashir, que o forçou a ir para o Canadá como refugiado.

O artigo tem como objetivo, portanto, seguir a trajetória do personagem Bashir Lazhar, buscando, na sua história, fatos e vivências que possam ser relacionados com textos acadêmicos relacionados à temática das migrações, e, em especial, com teorias relacionadas à questão do refúgio, procurando utilizar a narrativa do filme como uma forma de ilustrar aquilo que já foi bem descrito textualmente. Será empreendida, assim, uma observação das nuances e questões que nos são dadas pela posição do senhor Lazhar como refugiado no Canadá, as quais tornam sua experiência como professor daquelas crianças única e totalmente diferente daquela que viveria um professor ou professora de origem canadense.

Neste sentido, o artigo se estrutura da seguinte forma: primeiro será apresentada a história do filme como forma de contextualizar a discussão e relatar os acontecimentos e fatos que aparecem na película e serão utilizados no desenvolvimento do trabalho. Em seguida, o artigo passará a focar, especificamente, no personagem título do filme, evidenciando as relações existentes entre sua experiência como refugiado e os estudos teóricos sobre o tema. Concluindo, as informações expostas serão analisadas no sentido de conectar o filme apresentado com reflexões teóricas sobre o tema das migrações e refúgio.

História do filme

O filme nos apresenta o personagem de Bashir Lazhar (cujo nome significa "aquele que traz boas novas") quando ele se oferece para substituir a professora Martine (Héléna Laliberté), que acabou de cometer suicídio dentro de uma sala de aula, em um colégio em Montreal. Inicialmente relutante, a diretora do colégio o aceita para o cargo. Os primeiros dias do senhor Lazhar no emprego são difíceis, pois ele se mostra relativamente despreparado para a função, se utilizando de métodos educacionais mais tradicionais (como organizar as bancas em fileiras, diferentemente da professora anterior) e trabalhando textos que desagradam aos alunos. Tal descompasso se mostra como um obstáculo inicial para disciplinálos, se somando ao impacto causado pela morte da professora anterior, que ainda é sentido pelas crianças.

As primeiras dificuldades vividas pelo professor são causadas, em grande parte, pelas diferenças culturais existentes entre sua cultura de origem e a cultura de uma população canadense que

fala francês. Um momento do filme que retrata isso, destacado pelo diretor (NATIONAL PUBLIC RADIO, 2012), ocorre quando Lazhar lê um trecho de *La peu de chagrin*, de Honoré de Balzac e, em seguida, afirma "tenho certeza que vocês o conhecem muito bem", sendo respondido com descrença e resmungos pelos alunos.

Segundo o diretor, tal momento faz referência a uma reclamação comum de canadenses francófonos: o fato deles, frequentemente, serem levados a se sentirem como forasteiros dentro do Canadá. Assim, Lazhar supõe que, por eles possuírem uma língua em comum, ele irá agradar ao ler um trecho de um clássico francês, quando o efeito, na verdade, é contrário. Segundo o diretor, ao dar uma entrevista a respeito da obra:

> A linguagem sempre foi uma questão de sobrevivência lá [no Canadá]. Nós somos apenas 7 milhões de pessoas falando francês em um oceano de, não sei, mais de 350 milhões que falam inglês. Então lidar com a qualidade da nossa linguagem, e como nós a falamos, e como nós a ensinamos, e como nós a transmitimos é sempre uma questão para nós. Então também foi uma parte do filme. (NATIONAL PUBLIC RADIO, 2012)

No entanto, apesar dos percalços iniciais, aos poucos Lazhar se aproxima dos alunos, principalmente da pequena Alice (Sophie Nélisse), e os ajuda a lidar com o suicídio de Martine, que parece injustificado e faz algumas das crianças se sentirem culpadas, inclusive. Em dado momento do filme, Alice chega a escrever, em uma atividade escolar, uma redação sobre a morte da professora, evidenciando os sentimentos confusos que dominavam as crianças.

Com o desenrolar do filme, além da relação de Bashir com as crianças, também é desenvolvida sua relação com a professora Claire (Brigitte Poupart), que parece caminhar para vias românticas mas encontra como barreira os traumas do professor com o fim trágico de seu último casamento e a barreira cultural entre o que a professora entende como a vivência de um migrante e o que o próprio migrante (no caso, Bashir) sente.

Paralelamente ao aprofundamento das relações do professor com os alunos e os outros professores, vemos ser desenvolvida a história pregressa dele: Bashir é, na verdade, argelino e está passando por um processo judicial para aprovar seu pedido de refúgio no Canadá (embora tenha afirmado para a diretora do colégio que já era residente oficial do país).

Descobrimos, assim, que Bashir nunca trabalhou como professor em seu país de origem, onde era dono de um restaurante, e

que sua família (mulher e filhos) foi, segundo ele, toda assassinada em um incêndio ocorrido porque sua mulher, que era professora e escritora, teria escrito um livro onde criticava os responsáveis pela reconciliação do país, que teria causado a libertação de diversos criminosos. Assim, tendo recebido ameaças de morte, a família tentou buscar refúgio no Canadá, sendo que Bashir foi primeiro e o restante de sua família não conseguiu ir a tempo.

Caminhando para o final do filme, também é aprofundada a relação dos alunos com a professora Martine, e descobrimos que Simon, um dos melhores amigos de Alice, se sente extremamente culpado pelo suicídio da professora, pois, certa vez, ela teria tentado ajudá-lo e conversado com ele sobre sua relação difícil com sua família, e, como forma de vingança, por não querer que a professora "se metesse em sua vida", o garoto teria afirmado para outros professores que Martine teria tentado ter, de alguma forma, um contato mais íntimo com o aluno.

Tal ponto, juntamente com a relação do professor Lazhar com seus alunos, evidencia outro tema que é trabalhado no filme: as regras criadas no ambiente escolar, que são problematizadas pela presença de um forasteiro daquela cultura, que causa um estranhamento dele em relação à escola e, também, o contrário. Assim, a ideia de que não se pode tocar nos alunos, que não se deve tratar certos temas na sala de aula, que não se devem utilizar determinadas palavras fazem parte essencial de uma educação canadense que é abalada com a chegada do Monsieur Lazhar e ocasionam episódios como os que ocorreram com a professora Martine, por ter tentando se "aproximar demais" de um dos alunos.

O episódio ocorrido com Simon fundamenta o fato de alguns alunos (incluindo Alice) culparem Simon pelo suicídio de Martine, o que é evidenciado pelo fato de Simon carregar uma foto da professora com o desenho de asas de anjo atrás dela, demonstrando o carinho que ele tinha por Martine e o arrependimento que sentia pelo ocorrido. A forma como professores e alunos são mostrados no filme, portanto, não é maniqueísta nem reducionista, sendo, na verdade, bastante complexa, uma vez que nunca fica realmente claro quais foram os motivos que levaram Martine a cometer o suicídio.

Em um momento de ápice do filme, Bashir consegue fazer Simon falar em sala de aula sobre os seus sentimentos de culpa, gerando um momento de catarse emocional entre todos os alunos, uma vez que todos falam sobre a morte de Martine abertamente, de

forma que Bashir acaba, no final das contas, cumprindo um papel essencial na vida das crianças.

Conforme Bashir se aproxima dos alunos e os ajuda a lidar com a morte da professora anterior, no entanto, ele passa a incomodar alguns pais por seus métodos "diferentes" de intervir na relação com os alunos (retomando o estranhamento citado anteriormente), o que faz com que as famílias descubram a origem e a irregularidade da posição dele como professor, levando-o a ser demitido da escola.

Em sua última aula, Bashir Lazhar faz, mais uma vez, um exercício com os alunos, em que ele lê um texto e pede para que eles corrijam possíveis erros gramaticais. A fábula que ele lê, no entanto, é uma metáfora sobre seu passado trágico e a perda de sua família em um incêndio. A última cena do filme mostra, assim, Alice, em lágrimas, dando um abraço de despedida no senhor Lazhar, que a considerava sua aluna favorita.

O grande foco do filme é o desenvolvimento da relação do professor com os alunos, ficando a sua vivência como imigrante em um plano mais sutil. No entanto, à medida em que é revelada, a história de Bashir se entrelaça de uma maneira bonita com a das crianças, uma vez que ambos viveram tragédias. Também são interessantes os diversos choques culturais que ocorrem conforme o personagem tenta se adaptar a seu cargo de professor, questões que serão analisadas mais à frente.

Segundo o diretor (NATIONAL PUBLIC RADIO, 2012), ele preferiu não tomar uma abordagem tão explícita da questão migratória no filme, colocando as diferenças vividas por Bashir em situações mais sutis e o retratando apenas como "uma pessoa normal lidando com seus próprios demônios", sem afirmar, explicitamente, em momento algum que ele é, provavelmente, um muçulmano. Neste sentido, a abordagem do filme se aproxima muito à vida real, uma vez que as diferenças existentes em situações de migração, por exemplo, às vezes são sentidas mais fortemente em situações simples e corriqueiras, como acontece com Lazhar.

Bashir Lazhar: um refugiado em solo canadense

O filme "Monsieur Lazhar" levanta diversas questões, como a relação entre professores e alunos, a educação, os choques culturais, podendo servir de base para diversos estudos. Este

trabalho, no entanto, irá focar no personagem principal do filme, Bashir Lazhar, analisando sua trajetória como um refugiado argelino no Canadá, que, embora não seja o centro da história do filme, pode render diversas discussões se analisada conjuntamente com a bibliografia sobre o tema.

Bashir era, em sua terra natal, dono de um restaurante, sendo esta sua única experiência profissional. Sua esposa era uma professora e escritora, que, como exposto no filme, lançou um livro a respeito da liberação da Argélia, afirmando que os responsáveis por tal medida acabaram por libertar uma série de indivíduos presos por crimes hediondos. A denúncia revoltou aqueles responsáveis por tal libertação, o que fez com que eles passassem a ameaçar Bashir e sua família.

A ameaça e a iminência de perigo vividas por Lazhar e família fez com que eles buscassem fugir para o Canadá, em busca de proteção política, algo muito comum entre refugiados que buscam a segurança de outros países, usualmente, fugindo de graves perigos em seus países natais, como evidencia o seguinte trecho de Martha Nubia Bello (2004):

> Los desplazados hombres, jóvenes, mujeres, ancianos y niños han sido vulnerados en sus derechos: su integridad física y emocional ha sido violentada a través de distintos mecanismos, todos ellos empleados con el propósito de generar miedo y terror y, en últimas, obligar al sometimiento o al desplazamiento. Quienes se desplazan lo hacen porque sienten que su vida o la de sus familiares peligra; desplazarse es, por ¡o tanto, una estrategia de salvaguarda y de conservación de la vida y de ¡a unidad familiar.
>
> Antes del desplazamiento las personas enfrentan situaciones violentas, degradantes y humillantes en medio de la desprotección y el desamparo que generan sentimientos de miedo, terror, impotencia y ansiedad. En la mayoría de los casos estas situaciones obligan a tomar la decisión de salir y convierten a los pobladores en despojados y desarraigados. Por las circunstancias en que se producen, tanto hechos como sentimientos, éstos no pueden ser expresados, socializados ni elaborados fácilmente. (BELLO, 2004, p. 01)

Assim, Bashir parte para o Canadá antes de sua família, o que acaba em tragédia, uma vez que sua mulher, seu filho e sua filha morrem em um incêndio, muito provavelmente criminoso, causado por aqueles que os ameaçaram. Agora sozinho em Montreal ele precisa enfrentar dois desafios: construir uma nova vida neste país, o que inclui encontrar um emprego e construir novas relações; e, enquanto isso, esperar o processo de autorização de seu pedido de refúgio, estando submetido aos trâmites legais e institucionais.

Primeiramente, a indefinição da posição de Lazhar, como indivíduo que espera a aprovação de seu pedido de refúgio, o coloca em uma posição de um indivíduo "sem-lugar", em sua situação provisória e imprevisível, uma vez que, se seu pedido for recusado, ele terá que voltar para seu país de origem, estando esta ameaça sempre presente. Assim, embora Bashir tenha pretensão de conseguir medida favorável a seu refúgio, sua situação é de provisoriedade e indefinibilidade. Sobre tal tema, SAYAD (1998) define:

> Da mesma forma como se que impõe a todos – aos imigrantes, é claro, mas também à sociedade que os recebe, bem como à sociedade da qual provém - , essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse "provisório" possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse 'definitivo' jamais seja enunciado como tal. (SAYAD, 1998, p. 46)

Destaque-se, no entanto, que as teorias de Sayad versavam, basicamente, sobre os imigrantes que iam trabalhar na França por volta da década de 70. Assim, seus conceitos e categorias não são totalizantes, uma vez que diversas modalidades de migrações mais modernas, como o próprio refúgio, passam a colocar em cheque as ideias discutidas pelo autor. Assim, o fato de os imigrantes servirem como mão de obra motivava, na época que Sayad publicou sua obra, esta tentativa de colocá-los em uma situação onde se sentissem como possivelmente permanentes, embora, na verdade, existissem como provisórios e sem garantias. No caso do refúgio, no qual Bashir se enquadra, muitas vezes sequer há o desejo de que os imigrantes sirvam como mão de obra no país que os recebe, tornando tal processo mais difícil. Mesmo assim, a ideia de Sayad foi pioneira no entendimento do migrante como um indivíduo em situação indeterminada e contraditória.

O fato de Bashir estar lutando por seu direito ao refúgio também dialoga com as questões, discutidas por SAYAD (1998), a respeito da relação dos migrantes com o Estado e sua vulnerabilidade, uma vez que o país de origem é quem decide tudo o que será feito com aquele indivíduo. Fica o migrante, assim, possivelmente excluído de direitos e se torna um ser apolítico. O caso de Bashir assinala que a condição de imigrante se estende à de refugiado, uma vez que foi para o Canadá de forma ilegítima, mas se

encontra, supostamente, em vias de legitimação, servindo como mão de obra, enquanto isso. Tais questões serão analisadas mais à frente.

A questão da reconstrução da vida no novo país também é algo abordado no filme. BELLO (2004) discute em sua obra tal ponto, afirmando que o trabalho tem importante papel na vida emocional dos indivíduos e que os refugiados precisam, muitas vezes, se submeter a trabalhos que nunca fizeram antes, sob "condições de sobre-exploração e de grande instabilidade." (BELLO, 2004, p. 03). Define, assim:

> (...) es importante destacar que la dificultad de los desplazados para encontrar trabajos estables y que respondan a sus habilidades y conocimientos contribuye a agudizar sus problemas emocionales. [a falta de trabajo no sólo los pone en condición de dependencia (vivir de la caridad pública o de lo que brindan los programas asistenciales), sino que les impide encontrar "un sitio" en el nuevo lugar. Si bien, para la gran mayoría fue el trabajo el que les permitió ganar independencia y reconocimiento en el pasado, la cesantía los coloca hoy en una situación de "no hacer", que deteriora su autoimagen y hace eco a los señalamientos de "perezosos, holgazanes y vividores. (BELLO, 2004, p. 03)

A situação de Lazhar reflete bem as ideias da autora. Embora não tenha tido que se submeter a um trabalho de condições desumanas e que o explorasse, ele se vê obrigado a mentir sobre sua situação, afirmando que já viveria no Canadá legalmente há muitos anos, para conseguir um trabalho regular. Assim, para não ficar nesta situação de "nada fazer" e evitar, também, dificuldades econômicas, acaba se candidatando à vaga de professor, mesmo sem ter experiência com tal atividade profissional.

A partir do momento que Bashir passa a trabalhar no colégio, diversas situações inusitadas, criadas pelas diferenças culturais existentes entre ele e o país em que chegou, são suscitadas. Em uma cena, Bashir vê, em um evento da escola, um prato originalmente árabe que foi adaptado para ser consumido no Canadá, o que gera uma situação engraçada, uma vez que Lazhar observa a diferença entre tal prato e aquele que ele consumia, originalmente, em seu país.

Outra relação desenvolvida no filme que é interessante destacar é a de Lazhar com um de seus alunos, que é descendente de muçulmanos, o que gera situações cômicas nas quais o professor e o garoto falam entre si em árabe, para que as outras crianças não possam entender, desenvolvendo uma certa cumplicidade entre os personagens. O menino representa, assim, uma geração mais nova de migrantes, sendo, provavelmente, filho ou neto daqueles que vieram

antes, mas mantendo a sua cultura, através da utilização da língua, por exemplo.

A manutenção da ligação de Bashir com a cultura de seu país de origem também é observada em uma cena em que, enquanto acontece uma festa organizada na escola para seus alunos, Bashir se lembra da música de seu país e é visto, por outra professora, dançando uma dança tradicional argelina.

O choque cultural também pode observado na forma como Bashir lida com as crianças, que é diferente daquela que se espera de um professor canadense (ele dá um leve tapa na cabeça de um aluno, fato que incomoda uma colega). Isto faz com que uma das alunas fale que "eles não estão na Arábia Saudita" para o que professor faça aquilo, o que evidencia um preconceito por parte das crianças.

Todos os pontos destacados acima se relacionam à questão, estudada por teóricos das migrações, do múltiplo pertencimento dos indivíduos em situação migratória. Entre estes estudos, se encaixa a perspectiva transnacional dos estudos migratórios, que aponta o fato de que muitos indivíduos em situação de migração se encontram conectados, simultaneamente, à cultura de seu país de origem e ao país de chegada, o que passa a determinar a formação de sua identidade. Assim, existiria um duplo-pertencimento, no qual se formaria o chamado "campo social internacional". CAVALCANTI e PARELLA (2013) definem da seguinte forma:

> Existe cada vez más consenso entre los investigadores a la hora de reconocer que algunos migrantes y sus descendientes están fuertemente influenciados por sus continuos vínculos con sus países de origen o por redes sociales que sobrepasan las fronteras nacionales. Además, estos campos transnacionales tienen, sin lugar a dudas, diferentes impactos, como por ejemplo, la conformación de identidades y sentimientos de pertenencia, las relaciones de género y las relaciones familiares, las relaciones económicas, los procesos de movilidad social, las prácticas religiosas, los mercados de trabajo, las percepciones e imágenes sobre el hecho migratorio, el asociacionismo, la participación política, entre otros. (CAVALCANTI e PARELLA, 2013, p. 13)

Portanto, embora Bashir se encontre em outro país, a sua ligação com seu país de origem permanece por meio das manifestações culturais, como a música, a comida, e certos comportamentos que ele mantém que acabam por "denunciar" sua situação de alguém que chegou há pouco tempo ao Canadá. Neste sentido, muito embora busque o refúgio, isto não significa que tenha se desligado por completo do seu país de origem.

A mesma questão se faz presente no personagem de seu aluno de ascendência árabe. Muito embora se trate de uma geração provavelmente posterior de migrantes, a permanência da conexão com traços culturais característicos do país de origem de sua família, como a língua e o próprio comportamento, evidenciam as chamadas "práticas transnacionais", que nem sempre ocorrem com todos os imigrantes e seus descendentes (CAVALCANTI e PARELLA, 2013, p. 11).

O ponto que mais chama atenção na história de Bashir, no entanto, é a sua situação de refugiado e o processo pelo qual precisa passar para ser reconhecido como tanto no Canadá. Tal questão origina diversas cenas relevantes na película, dentre as quais cabe destacar algumas.

Ao longo do filme é possível acompanhar diversas audiências nas quais é avaliado o pedido de Lazhar para receber o refúgio. Nelas, é discutido se haveria, de fato, a ameaça à sua vida que era alegada por ele, além de se averiguar se realmente ocorreu o assassinato de sua mulher e de seus dois filhos. Tais cenas mostram todo o trâmite burocrático pelo qual os migrantes que pedem refúgio precisam passar para ter seu pedido atendido.

Estas passagens do filme levantam a questão das dificuldades de integração do refugiado como cidadão do Estado-nação que o recebe, uma vez que, visto como possível ameaça, são impostos a ele diversos empecilhos para que consiga, efetivamente, o direito que busca. O caso particular do Canadá, país onde se passa o filme, é interessante, pois, como define PACÍFICO (2008), embora o país tenha sua relação com imigrantes regida por uma política de multiculturalismo, respeitando, em tese, as origens daqueles, o caso dos refugiados é diferente. Assim define:

> Entretanto, o que estes acadêmicos e pesquisadores que vêm trabalhando com multiculturalismo e imigração no Canadá esquecem é que os refugiados não são migrantes econômicos, mas sim migrantes forçados, sendo impedidos de obterem a nacionalidade canadense complacente e facilmente. *Ipso facto,* enquanto considerados juridicamente apenas como refugiados, ou seja, *no limbo,* eles não tomam parte na sociedade canadense como cidadãos, não possuindo acesso aos direitos que os nacionais possuem, nem valendo-se das metas positivas já alcançadas pelo multiculturalismo. (PACÍFICO, 2008, p. 98)

Pacífico empreende em seu texto uma análise detalhada do processo burocrático pelo qual passam aqueles que tentam obter o refúgio no Canadá, que é bem ilustrado no presente filme.

Uma outra cena que pode ser destacada do filme e que evidencia as dificuldades de Bashir como refugiado é um diálogo com a professora Claire, no qual ela pergunta ao professor por que ele não compartilha sua cultura originária com seus alunos, uma vez que, para ela, a migração seria uma "aventura". A isto, Bashir responde que, para os migrantes propriamente ditos, a migração é, na verdade, "uma viagem sem papéis onde você é arrancado de seu local de origem e jogado em um lugar com uma cultura estranha". O fato de ser uma viagem "sem papéis" reafirma a situação transitória e indefinida, submetida a questões burocráticas, vivida pelos refugiados.

Destaque-se que a crescente dificuldade de aceitar os refugiados como tais se deve a uma dificuldade de encaixá-los em uma categoria determinada. Neste sentido, os mecanismos estatais buscam maneiras de enquadrar estes indivíduos, através de "políticas, programas, códigos e práticas, acionadas cotidianamente nos encontros dos refugiados com os aparatos estatais (hospitais, cortes, serviço social) que visam à formação de tipos particulares de cidadão" (HAMID, p. 27). Assim define:

> O refugiado, produzido por essa lógica estatal através de sua expulsão, ao mesmo tempo em que representaria um desafio a ela (nação = um povo e um território), também revelaria a sua força. Ao ser colocado em uma posição 'liminar', 'transitória' e 'inclassificável', conforme aponta Malkki (1995:6-7), ele se transformaria em uma 'categoria perigosa' e 'poluidora' da "ordem nacional das coisas". Com efeito, o fato de passarem a não estar associados a nenhum ponto fixo neste sistema de 'comunidades nacionais imaginadas', os levariam a ser vistos pelos outros países como um 'problema' e uma 'ameaça à segurança e às fronteiras nacionais'. Ao mesmo tempo, a ideia de não estarem subsumidos a um Estado- Nação os levariam a ser percebidos e tratados como desprovidos de 'identidade', 'cultura' e 'direitos'. (HAMID, 2012, p. 22)

Tal questão também é refletida no processor enfrentado por Lazhar para conseguir ver aceita sua solicitação de refúgio, uma vez que a descrença institucional no que ele alega pode ser considerada um símbolo da descrença geral com relação a migrantes forçados, mesmo em países pretensamente "acolhedores" como o Canadá e, até, o Brasil.

Depois do tortuoso processo sofrido por Bashir para conseguir, finalmente, obter a aceitação de seu pedido de refúgio, é possível observar que o filme ilustra, de forma efetiva, embora sutil, diversos processos vividos pelos indivíduos que precisam realizar a migração forçada para outros países e buscar, no novo lugar, seus direitos e a possibilidade de construção de uma nova vida.

O filme apresenta belamente, assim, inúmeras questões que expressam a experiência de Bashir como migrante e que, à luz dos textos produzidos a respeito do tema, podem acrescentar, com sensibilidade e delicadeza, uma visualização do que vivem as pessoas que passam, de fato, pelo que o personagem do senhor Lazhar passa na história.

Considerações finais

O filme "Monsieur Lazhar – O que traz boas novas" consegue, através de um aparentemente simples "retrato de um homem", como descrito por seu diretor (NATIONAL PUBLIC RADIO, 2012), suscitar diversas questões de maneira sutil, porém contundente. Logo de início, ao trazer a questão do suicídio da professora Martine, o filme mostra que se propõe a tratar temas densos, o que fica mais claro com a apresentação do personagem principal.

Lazhar, como um forasteiro no contexto canadense e, especificamente, no Canadá francófono, enfrenta uma série de desafios em decorrência de sua origem, que não é explicitamente declarada desde o início. Assim, ao evidenciar o estranhamento sentido por Bashir quando ele passa a lidar com os alunos, o filme também problematiza o modelo escolar canadense (que muito se assemelha ao brasileiro), onde as regras a respeito da forma de lidar com as crianças chegam a ser talvez extremas demais.

O filme aborda, ainda, pontos como o luto e o preconceito, mas, para este trabalho, cabe ressaltar que ele evidencia uma série de questões que representam as preocupações atuais daqueles que estudam as questões migratórias, em especial a problemática do refúgio. Embora a situação de Bashir se encaixe, inicialmente, nas teorias de SAYAD (2008), que inauguraram os estudos migratórios modernos, ela também suscita uma série de questões que contestam as teorias mais antigas e trazem a narrativa para o estado da arte de tal área.

Bashir, como um migrante forçado, se vê submetido a uma série de processos e burocracias para se ver reconhecido no Estado em que chegou e receber seu direito ao refúgio. Tal fato levanta a questão da dificuldade de determinados países de lidar com a situação do refugiado, um migrante que não representa a mão de obra que era estudada por SAYAD (1998), e que coloca em cheque as categorias de Estados-nação consolidadas na modernidade.

No mesmo sentido, Bashir, como um personagem que mantém sua ligação com a cultura de seu país de origem, demonstra, em vários momentos do filme, uma sensação de pertencimento gradual aos dois locais pelos quais passou. Embora o trauma que viveu seja muito grande, ele passa a se adaptar, pouco a pouco, à sua vida no Canadá, se aproximando de seus alunos e de seus colegas de trabalho, sem, no entanto, romper vínculos com seu país de origem, devido a traços culturais como a comida e o seu próprio comportamento. Este pertencimento transnacional, muito atual nos estudos migratórios, também é evidenciado no personagem de seu aluno de ascendência árabe

O filme transcende, no entanto, a questão do refúgio e do deslocamento, embora a ilustre de forma majestosa, pois, ao construir a relação de Lazhar com as crianças, mostra que as perdas vividas pelos dois lados podem, de alguma forma, se relacionar, ajudando-os a entende-las e, eventualmente, a superá-las.

Neste sentido, "Monsieu Lazhar" é, essencialmente, a história de um homem que busca uma nova vida, lidando com seu próprio passado. Esta narrativa, no entanto, pode ser identificada com a de muitos refugiados, como a do próprio ator que viveu o professor, Mohammed Fellag, argelino que, em 1995, precisou buscar exílio na França após diversas ameaças em seu país de origem, que culminaram com a explosão de uma bomba em um teatro onde ele estava se apresentando (THE GLOBE AND MAIL, 2012).

Em um momento tão conturbado da questão migratória no mundo, onde parece faltar, por parte de alguns, compreensão das situações passadas por pessoas em situação de refúgio, é possível que muitos migrantes possam se relacionar com a história do professor Lazhar, e encontrar em cenas do filme, das mais triviais até as mais densas (como aquelas ocorridas durante o julgamento de seu pedido de refúgio), semelhanças com suas próprias vivências. Da mesma forma, é possível que pessoas que não vivem tal situação, ao assistir ao filme, possam ter um entendimento do que sentem e vivem estes indivíduos, assim como as crianças passam a entender, gradualmente, Bashir, de forma que resta claro que esta história, contada de maneira tão delicada, nada tem de banal.

Referências bibliográficas

BELLO, Martha Nubia. **Identidad y desplazamiento forzado**. In: Revista de aportes andinos, no. 8. Enero, 2004.

CAVALCANTI, Leonardo & PARELLA, Sonia. 2013. **El retorno desde uma perspectiva transnacional**, Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.

HAMID, Sônia C. 2012. **(Des) Integrando refugiados: os processos do reassentamento de palestinos no Brasil.** Tese de Doutorado, PPGAS/UnB.

NATIONAL PUBLIC RADIO (NPR). **'Lazhar': In a crisis, an outsider finds his place.** Disponível em: <https://www.npr.org/2012/04/15/150520371/lazhar-in-a-crisis-an-outsider-finds-his-place> Acesso em: 18 de maio de 2018.

PACÍFICO, Andrea Pacheco. **O capital social dos refugiados: bagagem cultural versus políticas públicas**. Tese de doutoramento em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC-SP. São Paulo, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp.

THE GLOBE AND MAIL. **Monsieur Lazhar: A movie that could have been written for Fellag**. Disponível em: <https://www.theglobeandmail.com/arts/awards-and-festivals/monsieur-lazhar-a-movie-that-could-have-been-written-for-fellag/article548064/> Acesso em: 22 de maio de 2018.